FUTEBOL

Não deixe o futebol perder a dança
Não perca seu sorriso de criança
Não deixe o futebol perder...

Passen o peito, jogue de lado
Dê um sorriso e não pise na bola
Dê carreirinha, fique parado
Olhe pra gente que é essa escola

(Naná Vasconcelos, 2002)

Gilberto Freyre e o futebol-arte

Agradeço a leitura criteriosa e os valiosos comentários dos professores Edson Nery da Fonseca e Jorge Siqueira e da colega Anatailde de Paula Crespo. No entanto, todos estão isentos de qualquer responsabilidade pelo texto e erros ainda existentes. Finalmente, agradeço a Jamille Cabral Pereira Barbosa, da Fundação Gilberto Freyre, pela cessão de fotocópias dos artigos de Gilberto Freyre publicados no *Diário de Pernambuco* e em *O Cruzeiro*.

TÚLIO VELHO BARRETO

Recorrendo às idéias do historiador inglês Eric Hobsbawm sobre a “invenção das tradições”, o antropólogo Hermano Vianna mostra como o samba deixou de ser apenas uma manifestação cultural de um segmento (os negros – o que fazia, por isso mesmo, com que os *sambeiros* fossem marginalizados e perseguidos) para se transformar em um dos símbolos da identidade cultural brasileira (1). As idéias de Hobsbawm, utilizadas por Vianna, podem ser resumidas assim: a aparente naturalidade que envolve a existência de *tradições* escamoteia a

TÚLIO VELHO BARRETO é pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, doutorando em Sociologia pela UFPE e autor de *Representação Classista ou Representação sem Classe?* (Massagana).

1 Hermano Vianna, *O Mistério do Samba*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Ed. UFRJ, 1995.

- 2 Eric Hobsbawm, "Introdução: A Invenção das Tradições", in Eric Hobsbawm e Terence Ranger (orgs.), *A Invenção das Tradições*, São Paulo, Paz e Terra, s/d, p. 9.
- 3 Anatol Rosenfeld, *Negro, Macumba e Futebol*, São Paulo, Perspectiva, 1993.
- 4 Mario Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*, Irmãos Pongetti, 1947.
- 5 A esse respeito, ver: Roberto DaMatta e outros, *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, Pinakotheke, 1982.
- 6 Embora de outro ponto de vista, o jornalístico, Mario Filho, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego, João Saldanha e Armando Nogueira também contribuíram para a consolidação da idéia de *futebol-arte*, o que pode ser conferido nas crônicas de Mario Filho publicadas em *O Sapo da Ararubinha* (São Paulo, Companhia das Letras, 1994); nas de Nelson Rodrigues, em *À Sombra das Chuteiras Mortais* (São Paulo, Companhia das Letras, 1993); *A Pátria em Chuteiras* (São Paulo, Companhia das Letras, 1994) e *O Profeta Tricolor* (São Paulo, Companhia das Letras, 2002); nas de Armando Nogueira, em especial as publicadas em *Na Grande Área* (Rio de Janeiro, Edições Bloch, 1966) e em *Bola na Rede* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1974); e o livro de João Saldanha, *Subterrâneos do Futebol* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1980), sobre sua experiência como treinador do Botafogo.
- 7 Eric Hobsbawm, *A Era dos Extremos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 196-7.
- 8 Idem, *ibidem*.
- 9 Embora não tratem especificamente desse processo, pode-se ter uma idéia de como ele ocorreu em Victor Andrade de Melo, "Futebol: que História É Essa?!", in Paulo César R. Carrano (org.), *Futebol: Paixão e Política*, Rio de Janeiro, DPA, 2000; Waldenyr Caldas, *O Pontapé Inicial. Memória do Futebol Brasileiro*, São Paulo, Ibrasa, 1990; Simoni Lahud Guedes, *O Brasil no Campo de Futebol. Estudos Antropológicos sobre os Significados do Futebol Brasileiro*, Niterói, Edulf, 1988; Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*; Ronaldo Helal, *Passes e Impasses. Futebol e Cultura de Massa no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1997; Mario Filho, op. cit.; Cláudia Mattos, *Cem Anos de Futebol*, Rio de Janeiro, Rocco, 1997; e José Moraes dos San-

forma como elas foram realmente construídas e institucionalizadas, ou seja, o que parece sempre ter existido, ali estado, nada mais é do que o resultado de "práticas, de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição" (2). Com relação ao samba, Vianna esmiúça como isso ocorreu no Brasil, na primeira metade do século passado; com relação ao futebol, parece-me, tal história ainda está por ser contada, apesar das grandes (e pequenas) contribuições já oferecidas, inclusive pelo olhar estrangeiro. Exemplos? Os estudos sobre o negro no futebol brasileiro do filósofo alemão Anatol Rosenfeld (3) e do jornalista – e historiador autodidata – Mario Filho (4), ambos realizados nas décadas de 40 e 50 do século passado.

Com efeito, além do samba, não parece haver dúvidas quanto à importância do futebol como outro traço característico de nossa identidade cultural (5). Gilberto Freyre, em especial, esforçou-se para demonstrar isso, contribuindo decisivamente para a "invenção" dessa tradição entre nós, conforme procurarei mostrar mais adiante. Ademais, ao praticamente conceder *status* de arte ao futebol brasileiro, ele findou por "inventar", do ponto de vista sociológico, a própria idéia de *futebol-arte* (6). Mas nisso Freyre não esteve só. Muitos anos depois dele, e ainda que de soslaio, o mirar de Hobsbawm sobre o tema é digno de referência.

Ao analisar como diversas manifestações da cultura popular se espalharam pelo mundo, o historiador inglês pergunta (afirmando): "quem, tendo visto a seleção brasileira jogar em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte?" (7). E dá algumas *pistas* acerca da popularização do futebol mundo afora: "esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos, e, com o estabelecimento da Copa do Mundo em 1930 (conquistada pelo Uruguai), tornou-se genuinamente universal" (8). Hobsbawm refere-se tam-

bém à importância da democratização do carnaval, ainda na década dos 20, para que o samba viesse a se transformar em um dos símbolos culturais do Brasil.

Portanto, é significativo destacar que o futebol, tal e qual se conhece e se pratica hoje, diferentemente do samba, teve sua origem em uma elite branca e rica de país anglo-saxão, foi trazido para o Brasil por membros da elite local e por ela praticado, inicialmente de forma amadora. Após algum tempo, em especial a partir de sua popularização (profissionalização) entre os operários e negros, ou seja, de sua democratização, o futebol foi assumindo um caráter universal e se transformando em um de nossos símbolos culturais. Dito de outra forma, tanto o samba dos negros, pobres e socialmente marginalizados pela elite branca e rica, como o futebol, a princípio um esporte dessa elite, fincaram raízes a partir da democratização do carnaval e da prática daquele esporte, respectivamente (9). Enfim, tais processos envolveram a vontade (e a necessidade) de construir a identidade cultural brasileira, isto é, a própria nacionalidade. Como e de que forma Gilberto Freyre contribuiu para isso é o objetivo deste breve ensaio (e não discutir suas idéias a respeito do tema).

A CONTRIBUIÇÃO DE GILBERTO FREYRE PARA A "INVENÇÃO" DO FUTEBOL-ARTE

De um modo geral, o esporte não tem sido estudado com frequência pelos cientistas sociais, mas não só no Brasil. No entanto, isso não impediu que importantes autores se dedicassem e produzissem algumas obras seminais sobre ao tema. O holandês Johan Huizinga, por exemplo, procurou mostrar como o jogo é um fenômeno cultural (10); o francês Pierre Bourdieu se propôs a estabelecer elementos para uma sociologia do esporte (11); o alemão Norbert Elias, além de contribuir, ainda que

indiretamente, para a institucionalização de estudos de pós-graduação nessa área em seu país (12), escreveu sobre o papel do esporte no processo civilizador (13); já o inglês Anthony Giddens fez sua tese de mestrado sobre esporte, apesar de ter sido essa sua única incursão pelo tema (14).

No Brasil não é diferente, pois, a despeito de ser um dos traços mais característicos de nossa cultura, o interesse dos nossos intelectuais pelo futebol, como objeto de estudo, tem sido também bissexto (15). Pode-se dizer que o livro de Mario Filho, aqui já citado, foi um dos primeiros estudos relevantes sobre o tema, e, não por um acaso, seu prefácio coube a Gilberto Freyre, que, de certa forma, foi pioneiro na abordagem do futebol nas ciências sociais. Na verdade, vê-se em Mario Filho, certamente, a influência de Freyre (16).

De fato, ainda em 19/12/1929, sob pseudônimo, Freyre escreve artigo sobre o tema no jornal *A Província*, publicado em Pernambuco, comentando a violência de jovens em partidas de futebol no Rio de Janeiro. O título do artigo não poderia ser outro: “*Fair Play*”. Já em 17/6/1938, no artigo “*Foot-ball Mulato*”, publicado no *Diário de Pernambuco*, Freyre aborda a presença brasileira na Copa do Mundo daquele ano e observa que a razão de termos chegado pela primeira vez às semifinais foi “a coragem, que afinal tivéramos, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro” (17). E já interessado em caracterizar o estilo brasileiro de jogar o futebol, ele afirma: “o nosso estilo parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses [...]”. Assim, impressionado com os desempenhos de Domingos da Guia e Leônidas da Silva (artilheiro e craque da copa) (18), Freyre começa a definir de tal maneira o estilo brasileiro que é possível

perceber como a análise do futebol pode contribuir para a compreensão de nossa identidade cultural. Pois ele vai buscar nas raízes da cultura negra as razões de ser desse estilo.

Anos depois, já em um estudo mais acadêmico, Freyre volta ao tema: “acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto [...] porque é um mulatismo o nosso [...] inimigo do formalismo apolíneo sendo dionisíaco a seu jeito” (19). Em outro momento, enfatiza: “o modo caracteristicamente brasileiro de jogar o futebol” é o “influenciado pelo ânimo dionisíaco, dançarino, festivo de afro-negro que, no Brasil, pode-se dizer ter contrariado o ânimo apolíneo britânico” (20). Aqui, Freyre, assim como o filósofo alemão Nietzsche fez acerca da cultura grega (21), usa os opostos *apolíneo* e *dionisíaco* para definir distintos modos de jogar o futebol. Tal contraponto não é feito só nesse texto, mas em vários outros.

Já em conferência proferida nos Estados Unidos, em 1944, ele lembra ter proposto pesquisa sobre o futebol e as diferentes danças carnavalescas existentes no Brasil. Em suas palavras:

“ao lado do estudo sobre as danças sugeri também um outro em torno da maneira brasileira mais característica de jogar o futebol. O jogo brasileiro de futebol é como se fosse uma dança. Isso pela influência, certamente, dos brasileiros de sangue africano, ou que são marcadamente africanos na sua cultura: eles são os que tendem a reduzir tudo a dança – trabalho ou jogo –, tendência esta que, parece, se faz cada vez mais geral no Brasil, em vez de ficar somente característica de um grupo étnico ou regional” (22).

Interessante observar, aqui, que Freyre chama a atenção, ainda em 1944, para o fato de que o referido estilo já é o estilo

tos Neto, *Visão do Jogo. Primórdios do Futebol no Brasil*, São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

10 Johan Huizinga, *Homo Ludens*, São Paulo, Perspectiva, 2000.

11 Ver Pierre Bourdieu, “Como É Possível Ser Esportivo?”, in *Questões de Sociologia*, São Paulo, Marco Zero, 1983; e “Programa para uma Sociologia do Esporte”, in *Coisas Ditas*, São Paulo, Brasiliense, 1990.

12 Ver Günther A. Pliz, “Sociologia do Esporte na Alemanha”, in *Estudos Históricos*, 13(23), 1999, pp. 3-16.

13 Norbert Elias e Eric Dunning, *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*, México, Fondo de Cultura Económica, 1995.

14 Conforme Eric Dunning em: Norbert Elias e Eric Dunning, op. cit., p. 11.

15 Além dos trabalhos de Roberto DaMatta, o mais importante citado em nota anterior, há de se lembrar que a Fundação Getúlio Vargas dedicou um dos números de *Estudos Históricos* ao tema Esporte e lazer, enquanto a *Revista USP* já trouxe um Dossiê Futebol em um de seus números.

16 Pelo menos em parte, o livro de Ronaldo Helal, Antonio Jorge de Soares e Hugo Lovisolo, *A Invenção (do País) do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria* (Rio de Janeiro, Mauad, 2001), é uma tentativa bem-sucedida de atualizar o debate em torno das idéias de Freyre e Mario Filho. Ali, há argumentos favoráveis e contrários àqueles idéias.

17 É relevante notar que, até a Copa do Mundo de 1938, o Brasil, apesar de ter alguns títulos regionais, na América do Sul, só havia jogado três vezes (obteve apenas uma vitória e foi derrotado duas vezes) na maior competição internacional de seleções (a única vitória foi contra a seleção da Bolívia; e as duas derrotas, contra selecionados europeus, Iugoslávia e Espanha). Acontece que havia disputas políticas entre Rio e São Paulo, e entre os partidários do amadorismo e do profissionalismo, o que impedia até de enviar seleções que incluíssem jogadores dos dois estados. Em 1930, apenas um jogador de São Paulo aceitou jogar na seleção; em 34, apenas quatro aceitaram. Só em 1938, o Brasil foi representado por uma seleção dos melhores jogadores de Rio e São Paulo, já os grandes centros futebolísticos do país. Ver Teixeira Heizer, *O Jogo Bruto das Copas do Mundo*, edição revisada e atualizada, Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

brasileiro e não apenas de um segmento. Ou seja, para ele, já está incorporado à identidade cultural do país. Daí, não devemos nos surpreender se alguém se referir, por exemplo, a Tostão, Falcão e Kaká (brilhantes jogadores de diferentes gerações) como jogadores *dionisíacos*, embora eles não deixem de ser essencialmente *apolíneos*. Certamente, não há nisso contradição alguma.

Na década seguinte, na revista *O Cruzeiro* (edição de 18/6/1955), Freyre resume, então, seu argumento: o estilo brasileiro é diferente do europeu e resulta da presença dos negros em nosso futebol, o que, longe de representar uma fraqueza, como muitos apregoavam, é a nossa maior virtude. Ademais, ele associa o estilo brasileiro “às reminiscências africanas, que o estariam tornando antes *dionisíaco*, isto é, expansivo, alegre, improvisador, ‘baiano’, [...] que *apolíneo*”, bem como “à capoeiragem, que sendo jogo é também dança”, para, então, concluir: “que importam, [...] tais fracassos, se estamos criando um bailado em que a mestiçagem brasileira de raças e de culturas encontra expressão sociológica ou satisfação estética?”. Dessa forma, Freyre defende o estilo brasileiro, apesar das derrotas de 1950 e 54, no Brasil e na Suíça, de maneira que faria tremer os novos mandarins do futebol, isto é, os dirigentes e treinadores apologistas da adoção entre nós de um certo *futebol-de-resultados*, quando a qualidade do futebol jogado devesse ser refém do resultado favorável alcançado, como se a busca por tais resultados – a despeito do que, apenas aparentemente, Freyre parece afirmar –, não fosse também o objetivo de quem defende ou pratica o *futebol-arte*.

Ainda em *O Cruzeiro* (edição de 25/6/1955), mas noutro artigo, Freyre aborda a contraposição recorrente entre “individualismo” *versus* “cooperativistas” no futebol. Para ele, o estilo brasileiro é baseado no individualismo, o que, no entanto, não deve nos envergonhar, pois nisso estamos próximos ao padrão esportivo dos “gregos atenienses”, por exemplo. E vai mais além: “que significa ser um jogo predominantemente individualista no seu estilo? Pura

anarquia? O inteiro sacrifício do grupo aos caprichos dos indivíduos?”. Decerto que não. Significa constante interação entre o esforço coletivo do grupo e as façanhas, as iniciativas, os próprios improvisos de indivíduos que, assim agindo, destacam-se como heróis, exibem-se como bailarinos-mestres, acrescentam-se à rotina do jogo, não só em benefício próprio mas em benefício do grupo”. O que precisamos, sugere, é “conciliar esse individualismo com a disciplina [...]”. Com efeito, esse parece ter sido o *segredo* de várias das vitórias alcançada pelo futebol brasileiro em competições internacionais nos chamados “anos de ouro” (1958-70) (23).

Durante a Copa na Alemanha, em 1974, o Brasil já tricampeão mundial, Freyre publica mais dois artigos sobre futebol, agora no *Diário de Pernambuco*. No primeiro, “Futebol Desbrasileirado” (30/6/1974), de título bastante sugestivo, explicita sua aversão ao estilo adotado pela seleção – e que seria mantido nas copas de 1978, 90 e 94, o que o leva a perguntar: “Será que o futebol brasileiro de agora – o que se apresentou na Europa [...] – já não é brasileiro mas um futebol sem características nacionais? Um futebol que não exprime o ânimo, o temperamento, a flama dionisíaca da gente do Brasil? Que é um arremedo do inglês mas do inglês de há vinte anos”. Então, referindo-se à “reanglicanização” do nosso futebol, conclui com outra indagação: “que acontece, caro Mestre Zagalo?”.

No segundo, “A Propósito da Derrota do Time Brasileiro na Alemanha” (7/7/1974), comenta a derrota brasileira diante da Holanda, que levou muitos dirigentes e técnicos brasileiros a acreditar na superioridade racial e cultural dos europeus (24). De fato, como nos mostra Gílson Gil, as publicações da época trazem a resignação do trio Zagallo-Coutinho-Parreira (respectivamente, técnicos da seleção nas copas de 1974, 78 e 94, e Zagallo novamente em 98, mas todos membros da comissão técnica de 1970) diante do *futebol-força* (25). Não é à toa que, desde então, se discute sua adoção entre nós, embora muitos creditem as derrotas nas copas de 1974, 78 e 90 às

18 Ver, a esse respeito, o prefácio de Freyre em: Mario Filho, op. cit.

19 Gilberto Freyre, *Sociologia*, Rio de Janeiro, José Olympio, s/d, p. 432.

20 Citado em: José Carlos S. B. Meihy, “Para que Serve o Futebol?”, in José Carlos S. B. Meihy e José Sebastião Witter (orgs.), *Futebol e Cultura. Coletânea de Estudos*, São Paulo, Imprensa Oficial/Arquivo do Estado, 1982.

21 Ver Friedrich Nietzsche, *O Nascimento da Tragédia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999. Ressalvo, no entanto, que Freyre se refere à antropóloga norte-americana Ruth Benedict que também emprega tais categorias em seus estudos (ver Gilberto Freyre, op. cit.).

22 Gilberto Freyre, *Interpretação do Brasil: Aspectos da Formação Social Brasileira como Processo de Amalgamento de Raças e Culturas*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, pp. 182-4.

23 Em suas memórias de torcedor, o inglês Nick Hornby afirma que ficou assombrado ao ver o Brasil jogar contra a Tchecoslováquia, na Copa do Mundo de 1970, no México, a primeira que pôde ser assistida ao vivo por quase todos os cantos do planeta, não só pela “qualidade do futebol” apresentado, mas “pelo jeito com que [os jogadores brasileiros] encaravam as frias mais engenhosas e desconcertantes como se fossem tão funcionais e necessários quanto um tiro de escanteio ou um lateral”. Tendo aquele time provocado, em todos, “uma espécie de ideal platônico” jamais superado (*Febre de Bola*, Rio de Janeiro, Rocco, 2000, pp. 36-7).

24 Em 1978, essa discussão reaparece, por exemplo, nos artigos de Jacob Klinitowitz, “A Implantação de um Modelo Alienígena Exótico e Outras Questões Pertinentes: a Seleção Brasileira de Futebol – 1978”, e de Joel Rufino dos Santos, “Na CDB até Papagaio Bate Contingência”, publicados em *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 5, 1978, pp. 99-129.

25 Gilson Gil, “O Drama do ‘Futebol-arte’: o Debate sobre a Seleção nos Anos 70”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 9(25), São Paulo, Anpocs, 1994, pp. 100-9.

tentativas de substituir o (agora) “arcaico” *futebol-arte* pelo (sempre) “moderno” *futebol-força* (ou, o que significa o mesmo, o *futebol-de-resultados*). Ainda nesse artigo, Freyre volta ao debate em torno do “individualismo” do jogador brasileiro em contraposição ao futebol “coletivizado” dos europeus, e novamente enfrenta tal *mito*. Em suas palavras:

“[...] o falatório atual, no Brasil, contra o nosso muito brasileiro culto aos heróis nos desportos é de todo sem razão. Os próprios holandeses [...] foi no que extremaram: no culto de um herói [certamente, Freyre se refere ao líder daquela seleção, a revolucionária *laranja-mecânica*, Johann Cruyff]. Fez-se na Holanda uma mística em torno desse herói. Jogo matematizado, admita-se que sim; mecanizado; coletivizado. Mas sem lhe faltar a singularidade, o personalismo, o culto de um herói”.

A essa altura, poderíamos nos indagar qual seria, então, para Freyre, o jogador brasileiro que melhor representa a síntese das características próprias do nosso estilo de jogar o *foot-ball association*. Bem, o jornalista Lenivaldo Aragão, do *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, fez essa pergunta, em 1983, e obteve uma resposta que vale a pena reproduzir aqui por inteiro (26):

“Quem eu creio que foi um grande acrobata, o que é até um paradoxo, já que ele era quase aleijado, foi Garrincha. Você vê que Garrincha tinha momentos em que dançava mais do que Pelé. E dançava com as pernas tortas. Ele tinha lances de bailarino, eu acho que ainda não houve uma justa avaliação de Garrincha. Acho que é preciso que haja uma grande história do futebol brasileiro, escrita por alguém que saiba escrever literariamente, que entenda o jogo e que se informe sobre fatos históricos, sobretudo, sobre essa transição. Um jogo que começou elitista. Os rapazes ricos que iam à Europa trouxeram a novidade e só sabiam jogar imitando os ingleses, estes elitistas. Daí, o jogo, numa transição magnífica que honra o Brasil, passa a ser um

jogo quase contrário ao jogo originalmente inglês. Passa a ser um jogo de grande mobilidade. O jogo inglês é quase parado, paradoxalmente. Viva tantas combinações, que é um jogo de cooperação. Quase não admite a competição, enquanto o futebol brasileiro é competitivo e é aberto, permitindo improvisações. Com essa transformação, o vitorioso, o grande vencedor foi o Brasil, foi o povo brasileiro. É um jogo popular. Tudo está bem contido no caráter, no temperamento, nas vocações do brasileiro” (27).

Como se vê, apesar de tratar “apenas” do futebol em artigos, alguns de jornais e revistas, e em uma entrevista, Freyre desenvolve argumentos expostos em suas principais obras para dar sustentação a algumas de suas teses. Por exemplo, em *Sobrados e Mucambos*, de 1936, ele já afirmara “que os descendentes dos bailarinos da navalha e da faca como que se vêm sublimando nos bailarinos da bola, isto é, da bola de *foot-ball* [...]”, e segue ali fazendo mais referência ao *dionisíaco* Lêonidas da Silva (28). Nesse sentido, vê-se que Freyre, tão remotamente, já apontava as características do estilo brasileiro de jogar futebol, que, só mais tarde, nos acostumamos a chamar de *futebol-arte*.

FIM DE JOGO (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

No momento em que “a pátria em calções e chuteiras”, como queria Nelson Rodrigues, novamente exorciza o “complexo de vira-lata” do brasileiro e ratifica nossa condição de “reis do futebol”, conquistando, pela quinta vez, a Copa do Mundo, o país volta a discutir sobre se há ou não um estilo tipicamente brasileiro de jogar futebol e se tal estilo é ou não a razão maior de nossa supremacia nesse esporte. Da mesma forma, também se debruça sobre a possível relação entre tal estilo e o componente negro de nossa cultura (29). Muitos con-

26 Por razões que o jornalista preferiu não apontar, a entrevista de Gilberto Freyre só foi publicada em 10/4/2000, quando do centenário de nascimento do sociólogo pernambucano, sob o título “Batendo Bola com o Mestre”.

27 Aqui, é simbólico – e de seu ponto de vista justificável – que Freyre tenha escolhido Garrincha como síntese do nosso estilo de jogar o futebol. Ademais, é interessante observar que se trata de um descendente de índios fulniôs, de Pernambuco, de onde eram seus bisavós. Já seu avô casou-se com uma “filha de um negro escravo com outra índia”. Finalmente, antes de migrar para o Rio de Janeiro, o pai de Garrincha, Amaro, casou-se com uma “mulata magra e clara” (ver Ruy Castro, *A Estrela Solitária: um Brasileiro Chamado Garrincha*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 7-16).

28 A citação é da edição desse livro incluída em *Intérpretes do Brasil* (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2000, p. 1.253), publicado sob a coordenação, seleção de livros e prefácio de Silvano Santiago. Nas notas do autor à segunda edição de *Ingleses no Brasil*, originalmente publicada em 1948, também há referências ao “dionisíaco” futebol brasileiro, praticado pelos “dançarinos da bola”, em contraste ao “apolíneo” futebol anglo-saxão, e ao abraqueiramento do *foot-ball association*.

29 Não esqueçamos dos estudos sobre a capoeira, em especial o de Heloísa Turini Bruhns, *Futebol, Carnaval e Capoeira* (São Paulo, Papius, 2000), e aqueles que relacionam a maneira do brasileiro jogar futebol à própria capoeira.

sideram essa tese datada (no que têm razão, mas aqui já não cabe mais – literalmente – discuti-la, até porque também não era o propósito deste ensaio). Entretanto, para citar um exemplo da atualidade da discussão, pode-se perguntar: o que esteve por trás do sucesso da seleção francesa (campeã do mundo em 1998, campeã da Europa em 2000 e primeira em todos os *rankings* de seleções até a última copa do mundo), senão seu caráter verdadeiramente multirracial/multicultural – e por isso tão contestada pelo líder da extrema direita francesa, que não a considera(va) uma representação daquele país (30)? Apesar do recente fracasso, o sucesso anterior do futebol francês, até então apenas coadjuvante em copas do mundo, não foi tomado por obra do acaso, mas o futebol jogado por aquele selecionado já foi tido (aqui e acolá) como eficiente e... espetacular – no sentido de espetáculo, de vistoso, de artístico. O mesmo pode-se dizer, agora, de um de seus principais algozes, o selecionado de Senegal.

Em contrapartida, no que diz respeito aos brasileiros, talvez resida exatamente no abandono do nosso estilo de jogar, como o caracterizava Freyre, uma das razões para a relativa marginalização imposta aos jogadores mais criativos, espontâneos, dribladores, bem como para algumas das dificuldades encontradas por nossa seleção nas últimas eliminatórias sul-americanas (31). Tendência que, felizmente, pode ser abandonada, agora, com o resultado alcançado pela seleção brasileira na Ásia e as

performances dos quatro “erres”. Pois, o que se viu ali foi, para surpresa de muitos – dentre os quais me incluo –, o retorno (pelo menos durante a Copa na Ásia) ao passado futebolístico brasileiro, ou seja, a (re)valorização da arte dos jogadores e do futebol brasileiros, enfim, dos nossos craques-artistas, cabendo ao treinador “apenas” dar aos jogadores um sentido de coletivo sempre pronto a oferecer aos indivíduos possibilidades de *criar*. Ou não foi isso que fez Luiz Felipe Scolari, o “Felipão”, ao conceder liberdade a Rivaldo, livrando-o do fardo de limitar-se apenas a um setor do campo (quer na meia, quer no ataque), contradizendo todos os técnicos da seleção que já tinham trabalhado com ele até então? Mas, também, a Roberto Carlos, a Ronaldinho “Gaúcho” ou a Ronaldo, todos mais aptos em (e encarregados de) *criar* que mesmo *destruir* (por si sós, tais palavras já representam o que se quer, aqui, chamar a atenção). E, assim, em um futebol também globalizado, pasteurizado e homogeneizado os “erres” fizeram a necessária diferença. Assim, nossos *dionísios* dobraram, mais uma vez, os *apolíneos* anglo-saxões. Nesse sentido, a partida diante da Inglaterra foi emblemática, não só por se tratar daquele país. Mas, em especial, pela jogada de Ronaldinho “Gaúcho” no gol de Rivaldo e o segundo, marcado por ele.

Antes que o juiz dê o jogo por encerrado (e voltando ao “inventor” do *futebol-arte* do ponto de vista sociológico), é necessário ainda uma última palavra dirigida aos meus pares acadêmicos: ao apontar a maneira como Gilberto Freyre tratou da influência da cultura negra sobre um esporte de origem anglo-saxônica, tal e qual hoje se pratica e se acompanha mundo afora, espero ter deixado claro a importância que o tema deve assumir para os que querem interpretar e/ou compreender a cultura brasileira e o papel desempenhado por Freyre na construção teórica desse estilo de jogar o chamado “esporte bretão” no Brasil, sem que, para tanto, seja necessário qualquer forma de adesão às suas teses sobre as relações entre diferentes *raças* ou mesmo entre *culturas* distintas.

30 Muitas são as referências às posições do líder da extrema direita francesa, Jean-Marie Le Pen, a esse respeito, desde a Copa do Mundo de 1998, disputada na França. Entretanto, para que se tenha uma idéia do que se afirma acima, basta ler a reportagem “Futebol – Jogo França Emigrante x Senegal Imigrante Desagrada a Líder Extremista”, que tem o subtítulo “Abertura do Mundial seria outra no mundo de Le Pen”, do jornalista Lúcio Ribeiro, publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 28/4/2002 (p. D2), em seu caderno Esporte. Na mesma linha vai o artigo “Com Le Pen, França não Teria Seleção”, de Zeca Marques, em que ele mostra que, dos titulares, apenas três são de origem francesa, e reproduz esse comentário de Le Pen, de 1998: “metade desses atletas não sabe nem cantar o hino nacional” (ver a página eletrônica <http://pele.uol.com.br/copa2002/copa.asp?Noticial+45490>).

31 O que se aponta diz respeito às quatro linhas, é claro, pois fora delas os problemas são ainda maiores e de outra natureza, não cabendo, aqui, discuti-los. A esse respeito pode-se ler Aldo Rebelo e Silvio Torres, *CBF-Nike* (São Paulo, Casa Amarela, 2001), onde, conforme está estampado na própria capa do livro, os autores-deputados tratam das “investigações da CPI do Futebol da Câmara dos Deputados” que teve, com uma certa dose de otimismo, o objetivo de desvendar “o lado oculto dos grandes negócios da cartolagem” e “passar a limpo o futebol brasileiro”. Certamente, o primeiro objetivo foi alcançado; o segundo ainda está por ser colocado em prática. Outra valiosa leitura sobre o tema é o livro de Jaime Sautchuck, *Os Descaminhos do Futebol* (Brasília, Verano, 2001).